



TEORIA DOS ATOS DE FALA: UM ESTUDO DA PERSONAGEM ADENOIDE

FLAVIO BIASUTTI VALADARES

Doutor em Língua Portuguesa/PUC-SP. Pós-
Doutorado em Letras/UPM-SP. Docente do IFSP/
Campus São Paulo.

Contato: flaviovaladares2@gmail.com

HADRIEL GEOVANI DA SILVA THEODORO

Mestrando em Comunicação e Práticas de
Consumo/ESPM-SP. Graduado em Comunicação
Social – Relações Públicas/USP.

Contato: theodoro.geovani@yahoo.com.br

ALICE PEREIRA SANTOS

Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa/
USP. Mestre em Filologia e Língua Portuguesa/
USP. Docente do IFSP/Campus São Paulo.

Contato: alicesnt@gmail.com

TEORIA DOS ATOS DE FALA: UM ESTUDO DA PERSONAGEM ADENOIDE¹

Flavio Biasutti Valadares

Alice Pereira Santos

Hadriel Geovani da Silva Theodoro

RESUMO

O artigo discute os atos de fala de Adenoide, personagem do seriado de TV “Pé na Cova”, com o objetivo de analisar sua locução/discurso, na perspectiva da Teoria dos Atos de Fala, apresentando a caracterização desse programa e seus aspectos teórico-conceituais, sob a visão das pesquisas realizadas por Austin e Searle. Utiliza como procedimento metodológico a seleção dos diálogos dos quais Adenoide participa. Selecionaram-se três episódios exibidos em 2014, nos dias 08, 15 e 22 de abril, a fim de estabelecer que a fala de Adenoide traduz a condição de muitos brasileiros em suas relações sociais e comunicativas. Conclui que a personagem representa uma prática linguística que expressa aspectos de visão de mundo de um segmento da sociedade, por vezes, marginalizado e desprezado.

PALAVRAS-CHAVE: Pragmática. Teoria dos Atos de Fala. Léxico.

THEORY OF SPEECH ACTS: A STUDY OF CHARACTER ADENOIDE

ABSTRACT

In this article it is discussed the speech acts of Adenoid, character of the TV series “Pé na Cova”, in order to analyse her locution/speech from the perspective of Theory of Speech Acts, underlining the characterization of this TV show and its theoretical-conceptual framework, from the point of view of the research conducted by Austin and Searle. It uses as methodological procedure the selection of dialogues in which Adenoid takes part. Three episodes that were shown on 08th, 15th and 22nd of April 2014 were selected as to establish that Adenoid’s speech reflects the condition of many Brazilians in their social and communicative affairs. We concluded that the character represents a linguistic practice that expresses aspects of a segment of the society’s worldview that is, sometimes, marginalized and despised.

KEYWORDS: *Pragmatics. Theory of Speech Acts. Lexicon.*

¹ Grupo de Pesquisa: Descrição do Português do Brasil (Certificado CNPq/IFSP).

INTRODUÇÃO

A TV pode revelar alguns tipos reais, representações existentes em nossa sociedade e em variados ambientes sociais. Neste artigo, analisamos as falas de uma personagem do programa de TV “Pé na Cova”², exibido pela Rede Globo – Adenoide. A personagem apresenta características tipicamente do lugar social de uma pessoa humilde e pobre, com baixa escolaridade e que, mesmo ainda assim, demonstra astúcia em sua fala, ou seja, ainda que não tenha domínio do discurso letrado baseado em leitura e acesso aos bens culturais, Adenoide sabe utilizar a linguagem para se colocar no mundo por meio de seus atos de fala.

Nessa perspectiva, nosso objetivo visa a caracterizar as falas da personagem com base na Teoria dos Atos de Fala. Para tanto, adotamos como procedimento metodológico a análise de algumas das falas da personagem Adenoide em três episódios da série, exibidos em abril de 2014, nos dias 08, 15 e 22. É importante esclarecermos que foram selecionadas algumas das falas para análise em função do espaço que um artigo acadêmico possui; todavia, ressaltamos que a personagem é bastante rica e suscita análises outras em pesquisas futuras.

Sobre o Programa “Pé na Cova”, destacamos que se trata de uma série de humor da televisão brasileira, produzida e veiculada pela Rede Globo. Escrita por Miguel Falabella, com direção de Cininha de Paula, seu episódio inicial foi ao ar no dia 24 de janeiro de 2013. A primeira e a segunda temporada foram exibidas nesse mesmo ano e contaram com 22 e 11 episódios, respectivamente; a terceira temporada teve 14 episódios e foi ao ar entre abril e julho de 2014, e a quarta temporada foi exibida no segundo semestre de 2015, de setembro a dezembro, sempre nas noites de terça-feira, no horário aproximado das 23 horas.

O enredo da história se passa no bairro de Irajá, na cidade do Rio de Janeiro, e ocorre em torno da excêntrica família Pereira. Gedivan (Miguel Falabela), conhecido por todos como Ruço, é o patriarca e administra a F.U.I. – Funerária Unidos do Irajá, que herdara de seu pai. Durante a primeira e a segunda temporada, ele é casado com Abigail (Lorena Comparato), uma jovem órfã, com quem tem um filho, Neymã. Contudo, Ruço ainda divide sua casa com a ex-mulher, Darlene (Marília Pêra), uma maquiadora de defuntos. Eles têm dois filhos, Alessanderson (Daniel Torres) e Odete Roitman (Luma Costa). Odete trabalha como *stripper* na internet e Alessanderson se torna um vereador corrupto. Há ainda mais um integrante na casa dos Pereira, Babá, uma senhora que não fala muito além de algumas palavras. E, apesar de não ter uma condição socioeconômica elevada, a família conta com os serviços da empregada doméstica Adenoide (Sabrina Korgut), que vive em constante situação de miséria.

² <http://gshow.globo.com/programas/pe-na-cova/>

Na F.U.I., trabalha o motorista Juscelino (Alexandre Zacchia), também conhecido como quasímido ou “quasimo”. Sua irmã, Luz Divina (Eliana Rocha), trabalha esporadicamente na funerária, fazendo coro e chorando nos velórios. Ao lado da casa dos Pereira, há uma oficina mecânica na qual trabalham Cristiane (Mart’nália), conhecida como Tamanco, e seu irmão Marcão (Maurício Xavier), que, à noite, faz programas como travesti, o qual todos nomeiam Markassa. Ao longo da história, Odete Roitman e Tamanco começam a se relacionar e acabam por adotar Sermancino (Gabriel Lima), um menino de rua.

Ao final da rua, há o trailer de sanduíche das “Cachorras Quentes”, administrado pelas irmãs Giussandra (Karina Marthin) e Soninja (Karin Hils), que são gêmeas não-idênticas, sendo Giussandra branca e Soninja negra. Outras duas personagens fazem parte da cena geral da série: Floriano e Dirceia. Floriano e Ruço aparentemente tiveram um caso no passado, o que não fica muito evidente, tampouco comprovado, sendo apenas algo sugerido. Dirceia trabalha como sua empregada doméstica. Ambos vigiam a vida de toda a vizinhança e costumam pregar a “moral e os bons costumes”. Integrando o quadro de personagens bizarras, o seriado traz também a figura do Doutor Zoltán (Diogo Vilela), apresentado como cirurgião plástico, clínico geral e psiquiatra.

Todas estas personagens compõem um quadro humorístico acentuado pelas diferenças socioeconômicas, educacionais, culturais e de gênero que permeiam suas existências. Nesse ponto, como sugere Viggiano (2014, p. 97):

Pé na Cova pode não ter a morte física como tema central, porém as mortes simbólicas estão ali discutidas, de uma maneira ou de outra: a exclusão social, o degredo, a ignorância, a falta de oportunidades, a fome, o alcoolismo, o preconceito e a miséria do corpo e da alma. Até mesmo o orgasmo, *la petit mort*. Seria demais fazer drama de tudo isso. (...) O telespectador é levado a ficar suspenso entre o riso e a perplexidade, entre a estranheza e a identificação. O que se apresenta ao mesmo tempo lhe diz respeito e não diz respeito a coisa alguma.

Além disso, Viggiano (2014) afirma que *Pé na Cova* se converte em um texto com poder provocativo por meio das visibilidades concedidas aos absurdos da vida cotidiana dos Pereira e de seu núcleo de relações pessoais. A indignação, o inconformismo e o questionamento de certas situações geram uma atmosfera na qual se legitima uma maneira diferente de existir e de viver, mas nem por isso indigna.

No que concerne ao gênero televisivo do programa, Souza (2004) afirma que esse é realizado e produzido com o intuito de se inserir na programação horizontalizada, principalmente no horário nobre. Os fatos insólitos experienciados pelas personagens de *Pé na Cova* aparentam cumprir esse papel de destaque dentro da grade horária da Rede Globo, uma vez que se reverte

em uma boa média de pontos no Ibope³ e a consequente receptividade do público. O formato da série poderia, assim, “ser classificado também como ‘capítulo’, que pode alavancar a audiência cativa e também os telespectadores ocasionais”. (SOUZA, 2004, p. 137)

Na concepção da jornalista Patrícia Villalba⁴, “para alguns, não é possível fazer comédia sem incomodar alguém. Mas a experiência de Miguel Falabella com a sua ‘*Pé na Cova*’, escrita e protagonizada por ele, demonstra o contrário”. Ela salienta que “‘*Pé na Cova*’ é a comédia da tolerância, por isso agrada tanto. Admite novas formas de amar e ser amado e eu acho que todos nós, no fundo, não gostamos da nossa intolerância e dos nossos preconceitos”.

Dessa maneira, por mais que a pobreza seja um dos fios condutores da narrativa em *Pé na Cova*, é principalmente na vida de Adenoide que ela adentra de maneira expressiva. As desventuras da doméstica são repletas pela falta: a exclusão social, o degrado, a ignorância, a falta de oportunidades, a fome, o preconceito e a miséria. Em vários episódios, Adenoide aparenta não ter nem sequer o básico da alimentação. Sua relação com a comida é sempre de encanto, como se se tratasse de um artigo de luxo. Como a família Pereira também não é muito abastada, ela sofre com essa escassez inclusive em seu local de trabalho. Está colocada uma situação em que a personagem representante da miséria se transforma em personagem cômica por meio de suas tragédias pessoais.

Isso se reflete também na linguagem. Adenoide é destituída de complexidade de estruturas repertoriais, e não é difícil nos depararmos com cenas em que confusões são criadas por erros no emprego do léxico. Reforça-se, portanto, um círculo de carências que faz parte de seu cotidiano, o que não significa que ela seja desprovida de valores; mas, sobretudo, a personagem se ancora numa simplicidade, de corporalidades, de fala, de saberes, de vida.

TEORIA DOS ATOS DE FALA: UM ESTUDO DAS FALAS DA PERSONAGEM ADENOIDE

De acordo com Rajagopalan (2010, p. 122), “a teoria dos atos de fala nasceu em um clima intelectual caracterizado por uma intensa desconfiança em relação à ideologia, especialmente nos Estados Unidos”. Salientamos, a partir disso, que nosso objetivo, nesta análise, ampara-se na denominada pragmática de terceiro grau: a Teoria dos Atos de Fala, como assegura Armengaud (2006), ou seja, partimos de Austin (1965) e Searle (1979) para a consecução de nossa proposta. Na visão de Armengaud (2006, p. 99), “o ponto de partida da teoria clássica dos atos de fala é a

³ De acordo como o sítio *Telemaniacos*, a audiência média de *Pé na Cova*, marcada pelo Ibope, foi de 15, 16, 14 e 15 pontos na primeira, segunda, terceira e quarta temporada, nessa ordem. Disponível em <http://www.telemaniacos.com.br/pe-na-cova-tabela-de-audiencia/> Acesso em 15.dez.2015.

⁴ Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/quanto-drama/tag/pe-na-cova/> Acesso em 14.set.2014.

convicção seguinte: a unidade mínima da comunicação humana não é nem a frase nem qualquer outra expressão. É a realização (*performance*) de alguns tipos de ato”. Optamos, neste artigo, então, pelo uso da pragmática em perspectiva de análise linguística – Austin (1965) e Searle (1979) – sob a visão da Teoria dos Atos de Fala, que surge, segundo Silva e Espíndola (2004, p. 15), “quando um grupo de filósofos começou a interessar-se pelo funcionamento da linguagem ordinária (do cotidiano)”; além disso, tal grupo levantou questões como: “A linguagem é usada somente para fazer declarações? Todos os enunciados podem ser submetidos à noção de verdade? Que outras ações, além de descrever o mundo, realizam-se através da linguagem?”.

Nessa perspectiva, é importante reiterarmos que a Teoria dos Atos de Fala surgiu no interior da Filosofia da Linguagem, tendo sido, posteriormente, apropriada pela Linguística Pragmática. J. L. Austin foi o pioneiro nos estudos, entendendo a linguagem como forma de ação – todo dizer é um fazer – e refletindo sobre os diversos tipos de ações humanas que se realizam por meio da linguagem: os atos de fala, os atos de discurso ou atos de linguagem. Austin (1965) estabelece distinção entre três tipos de atos: locucionários, ilocucionários e perlocucionários:

1] Atos locucionários – consistem na emissão de um conjunto de sons, organizados de acordo com as regras da língua. Segundo Searle, ele se constitui de um ato de referência e um ato de predicação. Através do ato de referência, designa-se uma entidade do mundo extralinguístico e, por meio do ato de predicação, atribui-se a essa entidade uma certa propriedade, característica, estado ou comportamento.

2] Atos ilocucionários – atribuem a esse conjunto (proposição ou conteúdo proposicional) uma determinada força: de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa.

3] Atos perlocucionários – são destinados a exercer certos efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo etc. Efeitos que podem realizar-se ou não.

É preciso assegurarmos que todo ato de fala é, ao mesmo tempo, locucionário, ilocucionário e perlocucionário; caso contrário, não seria um ato de fala: sempre que há interação por meio da língua profere-se um enunciado linguístico dotado de certa forma que irá produzir no interlocutor determinado(s) efeito(s), ainda que não aqueles que o locutor espera, também, que Austin postula sobre um ato de fala que ele não se concretiza, caso: a] não haja um procedimento convencionalmente aceito (que inclui o proferimento de certas palavras); b] esse procedimento não seja executado corretamente e integralmente por pessoas e em circunstâncias adequadas; e c] as atitudes das pessoas envolvidas em tal procedimento não estejam de acordo com os pensamentos, os sentimentos e as intenções requeridas pela conduta a ser seguida.

Dessa forma, a apresentação do conceito de ato, de contexto e de desempenho vale-nos como parâmetro para a análise das falas da personagem Adenoide. Conforme Armengaud (2006), **ato é ação e fazer um ato de fala** corresponde a entender que a “linguagem não serve só, nem

primeiramente, nem sobretudo, para representar o mundo, mas que ela serve para realizar ações. Falar é agir” (p. 12). Para **contexto**, nosso entendimento é o de que, com ele, constitui-se a situação concreta na qual os atos de fala são emitidos (ou proferidos), bem como o lugar, o tempo e a identidade dos falantes. O **desempenho** é o ato em contexto, “seja atualizando a competência dos falantes, isto é, seu saber e seu domínio de regras, seja integrando o exercício linguístico a uma noção mais compreensiva, como a de competência comunicativa”. (ARMENGAUD, 2006, p. 13)

A seguir, analisamos as falas da personagem na perspectiva da Teoria dos Atos de Fala:
No trecho, retirado do episódio de 08/04/2014,

ADENOIDE: Bom dia, Seu RUÇO.

RUÇO: Oh, Adenoide, a Babá comeu ontem?

ADENOIDE: Comeu. Comeu quatro biscoito que eu vi. Mas alguém sempre dá alguma coisa pra ela, né Seu Ruço? Anteontem, a Odete Roitman trouxe uma caixa de sal de fruta que ela ganhou na promoção, daí eu dei um sal de fruta pra Babá. Ela tá alimentada, Seu Ruço.

a personagem elabora um ato de fala que conduz seu ato a uma representação de mundo, agindo de modo a construir sentido sobre sua fala, por meio de um lugar que é o dela “Ruço: Ô, Adenoide, a Babá comeu ontem?/Adenoide: Comeu.”, mas criando uma identidade que demonstra sua realização do ato em contexto. Em uma via locucionária, fica claro seu ato de referência, designando um ato de predicação “Anteontem, a Odete Roitman trouxe uma caixa de sal de fruta que ela ganhou na promoção, daí eu dei um sal de fruta pra Babá” e, por meio deste, atribui-se a essa entidade uma certa propriedade, característica, estado ou comportamento, ratificando com “Ela tá alimentada, Seu Ruço.”; ou seja, o ato ilocucionário é de asserção e o perlocucionário convencer Ruço de que Babá está alimentada.

Em outro trecho, retirado do episódio de 08/04/2014,

ADENOIDE: Seu Ruço, posso assistir ao cinema? Eu nunca fui no cinema.

TAMANCO: Nunca? Nunca viu “Meninos não choram”?

ADENOIDE: Não! Lá perto de casa tem um cinema no shopping, mas eles não deixam eu entrar no shopping. Eu quis entrar, mas o segurança disse que eu não sou consumidora.

RUÇO: E não é mesmo. O segurança tem razão.

ADENOIDE: Mas eu queria ir ao cinema, Seu Ruço.

Adenoide pergunta ao patrão se poderia assistir ao cinema, afirmando que nunca fora a um cinema. Nesse momento, identificamos na fala da personagem que instaura um sentido em seu ato de fala, a partir de um contexto concreto no qual ela ratifica sua condição miserável neste exercício linguístico que a leva a um comportamento locucionário (referência e predicação), permeado por um conteúdo proposicional, determinando sua força ilocucionária: “Eu nunca fui no cinema.”, com o claro objetivo de convencimento de seu patrão deixá-la ver o filme.

A personagem Tamanco interroga “Nunca? Nunca viu ‘Meninos não choram’?”, e Adenoide responde: “Não! Lá perto de casa tem um cinema no shopping, mas eles não deixam eu entrar no shopping. Eu quis entrar, mas o segurança disse que eu não sou consumidora.”. Nessa fala, Adenoide representa seu mundo por meio de um ato de fala no qual esclarece que o fato de não ser consumidora legitima sua condição de ser rifada do acesso aos bens culturais, o que é ratificado na fala de Ruço: “E não é mesmo. O segurança tem razão”.

O discurso de Adenoide é eficaz, já que se organiza de modo a deixar o interlocutor intrigado a respeito de sua história de vida. A forma com que ela articula seu ato de fala produz no outro algum efeito – no mínimo, desperta a curiosidade em seus interlocutores –, concluindo seu ato perlocucionário. Contudo, apesar de ter mostrado competência na interação comunicativa, não consegue persuadir seu patrão a levá-la ao cinema.

Destacamos, ainda, que a personagem Adenoide sempre interage por meio da linguagem, ao proferir enunciados linguísticos dotados de significação que irão produzir no interlocutor algum efeito, mesmo que não aqueles que o locutor espera; nesse caso, pelo fato de ser uma empregada doméstica, talvez o patrão e demais da casa não esperassem o proferimento de certas palavras e de expressões que denotassem sua condição humana de miserável. Se assim não o fosse, o que Austin postula sobre a concretização de um ato de fala não ocorreria, uma vez que Adenoide constrói, conquanto naquele contexto inesperado, um procedimento convencionalmente aceito, bem como o executa correta e integralmente.

Configura-se, igualmente, essa perspectiva no episódio do dia 15/04/2014. Na fala abaixo, Adenoide recebe um pedido de Sermancino seguido de uma indagação, que é respondido por Adenoide com um “Eu queria crescer”. Sermancino demonstra não ter entendido e, nesse momento, Adenoide produz seu enunciado de maneira que sua declaração produz um ato ilocucionário inesperado pelo aspecto perlocucionário que empreende. Ainda assim, ela consegue ratificar sua marca proposicional ao dizer: “Minha mãe teve 14, só três cresceram. Então quem cresce já tá no lucro, né?!”:

SERMANCINO: Ô, Adenoide, eu estou precisando me inspirar para escrever uma redação. Quando você era criança o que você queria ser quando crescesse!?

ADENOIDE: Eu queria crescer.

SERMANCINO: Não entendi.

ADENOIDE: Minha mãe teve 14, só 3 cresceram. Então quem cresce já tá no lucro, né?!

Do episódio de 22/04/2014, selecionamos o trecho:

ADENOIDE: Seu Ruço, Seu Ruço, deixa eu ver a defunta? Eu gosto de ver gente morta na rua. Isso me conforta.

RUÇO: Não deixo! Coisa mais esquisita!

ADENOIDE: Gosto, e daí?! É uma coisa nova, sempre me distrai.

Constatamos, neste trecho, que Adenoide, mais uma vez, produz um ato de fala que tende a colocá-la em uma situação de proposição que poderia levá-la a não compreensão de seu interlocutor “Seu Ruço, Seu Ruço, deixa eu ver a defunta? Eu gosto de ver gente morta na rua. Isso me conforta”. No entanto, Ruço, ao reagir com “Não deixo! Coisa mais esquisita!”, tenderia a levar a situação comunicativa para uma assimetria, mas Adenoide, novamente, responde com uma sentença que permite a ela valer-se da forma como a estrutura das sentenças é influenciada pela relação entre o falante e o ouvinte. Além disso, como a forma pela qual a interpretação e a utilização de enunciados dependem do conhecimento do mundo real, em seu ato de fala, “Gosto, e daí?! É uma coisa nova, sempre me distrai”, por meio de seu ato locucionário, produz a ilocução, que é averbada na perlocução: falantes usam e entendem atos de fala.

Novamente, Adenoide não consegue convencer o patrão a permitir que ela visse “a defunta”. A estranheza que sua fala provoca em seu interlocutor o faz rechaçar o pedido de forma taxativa. Entretanto, Adenoide contra-argumenta, indicando que a opinião alheia não lhe afeta. Apesar de a personagem tentar persuadir por meio da emoção, apelando para o sentimentalismo ao tentar despertar no patrão algum sentimento, Ruço não se comove.

Outra característica que chama atenção na fala da personagem Adenoide é a elaboração da linguagem para realizar os seus atos de fala. O trabalho com o léxico acontece com uma seleção vocabular peculiar que promove inovações. Ademais, também é possível percebermos e identificarmos, na fala da personagem, a alteração de sentido de algumas palavras, promovida

pelo jogo que estabelece entre elas. No trecho a seguir, retirado do episódio de 15/04/2014, exemplificamos um caso de neologismo usado por Adenoide:

ADENOIDE: Isso Seu Russo não vai admitir. Ele foi cascagórico.

ABIGAIL: O que é “cascagórico”?

ADENOIDE: Cascagórico é uma pessoa que tem a casca grossa, que bate o pé. Ele pediu pra arrumar as coisas do Neimã e mandou te entregar a criança. Quem pariu Mateus que o embale.

Ao adjetivar o patrão como “*cascagórico*”, a personagem inova, produzindo o neologismo a partir da palavra composta *casca-grossa*, como ela mesma esclarece em seguida. Em um primeiro momento, podemos julgar que a formação de palavra tenha contado com a adjunção do sufixo *-ico*, formador de adjetivos. No entanto, a definição que a personagem tem de oferecer ao seu interlocutor ajuda-nos a verificar que a motivação parece ser outra. Simultaneamente, o neologismo chama atenção para sua fala, pois incrementa seu ato locucionário, expondo de modo positivo sua performance linguística.

Além disso, os elementos fornecidos nos indicam que, provavelmente, a motivação para a produção do neologismo se prenda a uma questão de analogia, uma vez que, normalmente, teríamos o adjetivo “*categórico*” para expressar o significado ali pretendido. Nesse caso, a analogia, fenômeno muito comum nas criações populares, estabelece-se tanto pelo significado quanto pela forma da palavra. Ao utilizar o neologismo, a personagem mantém a ideia de *firmeza*, *afirmação* contida no vocábulo, abonado em dicionário, mas insere uma ideia nova – a de *rudeza*, *grosseria* – contida entre os significados de *casca-grossa*. Isso demonstra que a empregada, apesar de sempre ser descrita como pouco instruída, detém conhecimentos da língua que a permitem ter um desempenho bastante eficiente na interação com o seu interlocutor, o que confere maior vigor ao seu ato de fala.

O diálogo abaixo, proferido no mesmo episódio, exemplifica as escolhas lexicais feitas pela locutora:

RUSSO: Que foi isso no teu braço?

ADENOIDE: Um cracudo, Seu Russo. Um cracudo me viu carregando a sacola de mantimento que a Odete Roitman me deu e tentou me roubá. Ele me empurrou dentro da obra, Seu Russo. Mas eu peguei um porrete e sentei na cabeça dele e fugi. Mas mesmo assim, oh, o cracudo conseguiu me morder, seu Russo.

Nesse trecho, a empregada da família Pereira não cria palavras novas, mas seleciona. A opção que Adenoide faz pela palavra “*cracudo*”, no lugar de “*craqueiro*”, menos marcada sócio-culturalmente, contribui para sua força locucionária ao narrar para o patrão o que acontecera com o seu braço. Apesar de ambas as formas ainda não estarem abonadas pelos dicionários, constatamos, em busca na internet, que “*cracudo*” está muito associada à linguagem do *rap*, aparecendo em diversas letras de músicas e, provavelmente, por isso conta com mais ocorrências do que sua variante “*craqueiro*”⁵. Ao utilizar a forma com o sufixo *-udo*, a personagem, além de inovar a sua linguagem, confere maior personalidade à sua fala, visto que o referido sufixo possui claramente um apelo popular⁶.

Outro aspecto curioso refere-se à observação de que até mesmo o seu nome – Adenoide – obedece a um apelo popular. O substantivo comum “adenoide” significa “vegetações celulares localizadas na nasofaringe em forma de glândulas”, o que remete à origem da palavra – **aden(o)** – (*glande, glândula*) + **-oide** (*aspecto, forma*). Contudo, popularmente, designa a inflamação dessas glândulas, conhecidas também como “carne esponjosa”. A adenoidite provoca a dificuldade de respirar, fazendo com que as pessoas, acometidas pela enfermidade, busquem o auxílio da boca para ajudar na respiração, o que indica uma metáfora pertinente com a função que esta personagem desempenha na trama. Isso porque a empregada representa a resistência da camada menos favorecida da sociedade e sempre busca outras formas de sobrevivência, já que é privada de quase todas as necessidades essenciais ao ser humano. O seu sobrenome também segue o mesmo padrão, prendendo-se ao supracitado apelo popular, pois tem como nome de batismo *Adenoide Cipó Cidreira*⁷.

Em outro trecho, por nós selecionado, a personagem joga com os sentidos das palavras na cena fantástica narrada por ela (Extraído do Episódio exibido em 15/04/14):

ADENOIDE: Cuidado, que o Doutor Zóltan perdeu um peito da Dona Daleia, a coitada nunca mais achou. Ela ficou despeitada do lado esquerdo e peituda do lado direito. Doutor Zóltan transformou Dona Daleia numa mulher desequilibrada.

⁵ A forma “*cracudo*” apresenta 61.300 ocorrências, já “*craqueiro*” apenas 4.940. Buscas na Internet realizadas em 29/01/2015, com frequência estimada a partir de pesquisas no site *Google*, considerando apenas as páginas escritas em português.

⁶ A associação desse sufixo com partes do corpo, atribuindo a elas, quase sempre, sentido de abundância, como em *barrigudo, narigudo, peitudo* etc., faz com que esse afixo seja classificado como informal. Não raro, também se pode observar nestas formações um traço de pejoração.

⁷ Por mesmo padrão de sobrenomes, deve-se entender nome de árvores, como Pereira, Nogueira, Oliveira.

A advertência feita por Adenoide, com a intenção de mostrar que o Doutor Zoltan não era um profissional confiável, estabelece-se pela narração de um fato absurdo, construído com o auxílio do jogo de significados dos vocábulos que seleciona. A personagem conta que o médico perdeu e, nunca mais achou, um dos “peitos” de uma de suas clientes, o que a deixou “despeitada” de um lado e “peitada” de outro, transformando-a em uma mulher “desequilibrada”. Cabe ressaltar que, apesar de o médico ser também psiquiatra e, portanto, a palavra “desequilibrada” referir-se a uma dimensão psicológica, neste caso, o vocábulo aponta para o aspecto concreto e objetivo, designando “falta de equilíbrio físico, de regularidade entre as partes”.

No episódio seguinte, exibido em 22/04/2015, Adenoide usa, mais uma vez, a força perlocucionária, quando pede ao mesmo médico acima citado para operá-la.

ADENOIDE: Doutor Zóltan, Doutor Zóltan, diminui meu estômago?

DR ZÓLTAN: Mas você já é magra.

ADENOIDE: Mas não é pra emagrecer, é pra pará de sentir fome.

A personagem usa um argumento bastante comovente – “*parar de sentir fome*” – para persuadir o médico a reduzir seu estômago. Neste trecho, verificamos a sagacidade da empregada em apelar para o emocional do médico, beirando o sensacionalismo, o que inegavelmente é um eficaz recurso de persuasão. Nesse sentido, podemos inferir que os objetivos inseridos em seus atos de fala são atestados pelas reações obtidas em/por seus interlocutores, visto que sempre projeta neles a esperança de ter seus problemas solucionados.

CONCLUSÃO

Neste artigo, analisamos algumas falas da personagem Adenoide com o objetivo de mostrar que ela é uma figura representativa da cultura brasileira, ao ocupar um lugar de pessoa com baixa escolaridade, miserável, favelada, mas com uma inserção em um grupo social que propicia a ela a manifestação de “falares” que revelam sua competência e desempenho linguísticos.

Nesse ponto, vale destacarmos que a linguagem é usada na comunicação e abrange uma ampla gama de fenômenos, transmitindo significados que não são apenas codificados linguisticamente, ou seja, Adenoide utiliza estruturas linguísticas que geram ações e reações em seus interlocutores, configurando uma atividade linguística que a caracteriza como uma produtora efetiva de atos de fala.

Além disso, é importante denotarmos que a Teoria dos Atos de Fala promove a possibilidade de uma análise de falas e usos como os da personagem selecionada neste artigo, em que é possível produzir um quadro revelador a respeito de falas em contextos variados, como no caso de Adenoide no ambiente da casa do patrão.

Por fim, nossa conclusão é a de que Adenoide representa uma fala que traduz a condição de muitos dos brasileiros, que sofrem no cotidiano, mas que não perdem o humor e fazem de suas relações sociais e comunicativas, sejam em que nível forem, possibilidade de prática linguística com vistas a expressar suas perspectivas de visão de mundo.

REFERÊNCIAS

ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre/RS: Artes Médicas, [1965]1990.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova pragmática – fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SEARLE, J. R. **Expression and Meaning. Studies in the Theory of Speech Acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SILVA, Joseli M. e ESPÍNDOLA, Lucienne (orgs.) **Argumentação na língua: da pressuposição aos topoi**. João Pessoa/PB: Editora Universitária/UFPB, 2004.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

VIGGIANO, Mário Francisco Ianni. As micro-histórias e os regimes de (in)visibilidade dos anônimos em Pé na cova. **Revista Rumores**. n. 15, vol. 8, jan-jun.2014.